



Tensões no
romance
O homem
sem
qualidades

Brutus Abel

RESUMO

Primeiro esboço de um maior estudo, o seguinte artigo analisa a visão crítica da modernidade e o relativismo moral presentes no vasto romance-ensaio *O homem sem qualidades*, do autor austríaco Robert Musil, através do percurso espiritual de seu complexo protagonista, o engenheiro e matemático Ulrich.



ABSTRACT



First sketch of a major study, the follow article analyses the critical vision of modernity and the moral relativism present on the vast novel-essay *The man without qualities*, by the Austrian author Robert Musil, through the spiritual path of its complex protagonist, the engineer and mathematician Ulrich.



PALAVRAS-CHAVE



romance e ensaio; modernidade; relativismo moral; Robert Musil.



KEY WORDS



novel and essay; modernity; moral relativism; Robert Musil.

O primeiro pensamento que nos vem quando se formula uma lei ética da forma “você deve...” é: e daí, se eu não o fizer? É claro, porém, que a ética nada tem a ver com punição e recompensa, no sentido usual. Portanto, essa questão de quais sejam as *conseqüências* de uma ação não deve ter importância. — Pelo menos, essas conseqüências não podem ser eventos. Pois há decerto algo de correto nesse modo de formular a questão. Deve haver, na verdade, uma espécie de recompensa ética e punição ética, mas elas devem estar na própria ação.

Wittgenstein, Ludwing, *Tractatus Lógico-Philosophicus*, § 6.422.

1.

Há muitos elementos autobiográficos nas obras de ficção do escritor austríaco Robert Musil (1880-1942). Este se serviu de conhecidas personalidades para construir algumas de suas personagens e, sobretudo, presenteou várias de suas próprias experiências aos seus mais célebres protagonistas. Tanto em seu primeiro romance, *As inquietações do aluno interno Törless*, de 1906, quanto em seu derradeiro, *O homem sem qualidades*, ele recorre a esse atrevido procedimento. Como Törless, também estudou num rígido internato militar, também enfrentou o opressivo sistema pedagógico e a sevícia de sádicos companheiros de classe; como Ulrich, o homem sem qualidades, também era engenheiro e matemático, também se impunha uma belicosa disciplina física e intelectual, à qual foi, por alguns de seus contemporâneos, compreendida como uma excêntrica forma de misantropia. Consciente de que a literatura não se prende à realidade da qual nasce, Musil não compôs, entretanto, biografias romanceadas. Preferiu a invenção; preferiu realizar, em seus dois romances, a representação fictícia, imaginária, de um *caminho espiritual*. *As inquietações do aluno interno Törless* constituem a sua breve iniciação; *O homem sem qualidades*, a sua extensa plenitude. Musil dedicou-se a este, a partir de 1921, em meio a penosas adversidades econômicas, e ao advento do nazismo, que proibiu a publicação de suas obras e o impeliu a refugiar-se na Suíça; depois, falece em silencioso ostracismo. Menos por tais circunstâncias, mais pelo próprio ideal a que serviu, esse múltiplo e denso romance permanece sedutoramente incompleto.

O lugar é a capital de um fictício país de nome Kakania, abreviação de “K und K”, “kaiserlich und königlich” (“Imperial e Real”)¹, mordaz designação à Monarquia Austro-húngara; o período, a ignorada véspera da I Guerra Mundial, o ano de 1913. A partir dessa precisa e já envelhecida situação histórica, Musil constrói, em uma onisciente ter-

1 Cf. Musil, 1989, p. 24-27.

ceira pessoa, as três partes de seu lento romance. Publicada em 1930, a primeira, mais curta e intitulada de *Uma espécie de introdução*, apresenta Ulrich. Seu sobrenome e sua ascendência não são revelados. Aos trinta e dois anos, é um indivíduo de invejáveis atrativos físicos e intelectuais; a conquista de amantes ocasionais, como a ninfomaníaca Bonadéia, lhe é, portanto, fácil. Também publicada em 1930, a segunda parte, mais longa e intitulada de *A mesma coisa acontece*, relata o envolvimento do homem sem qualidades com um heterogêneo grupo de pessoas engajadas na denominada *Ação patriótica* ou, mais frequentemente, *Ação paralela*: projeto de eventos que tem como alicerce a celebração dos 70 anos da Monarquia Austro-húngara sob a liderança do idoso Franz Joseph I, no ano vindouro de 1918. Contudo, segundo um acordo político prévio, nessa mesma data, o infante imperador alemão, Wilhein II, será consagrado rei desse regime e reinará por trinta anos. Essa suspeita coincidência — que nunca irá ocorrer, pois em 1918 a Monarquia Austro-húngara e o Império Germânico deixarão de existir — não pode ser tolerada. *Ação Paralela* persegue, assim, um infame objetivo: provar a supremacia do espírito austríaco sob o espírito alemão. Dela participam uma miríade de personagens, a maioria, sutis caricaturas de uma abastada sociedade composta de decadentes aristocratas e burgueses infantilizados. Jovem esposa de um alto funcionário público, o subsecretário Tuzzi, e prima distante de Ulrich, Ermelinda Tuzzi é uma das que mais se destacam. Interessada e frívola, ela encontra na *Ação Paralela* a oportunidade de se tornar uma espécie de musa das artes e da filosofia. Naturalmente, essa beldade, a quem todos ambigualmente admiram, só deseja satisfazer sua camuflada vaidade. Daí ter sido secretamente rebatizada, por Ulrich, de Diotima, numa sarcástica referência à discreta mestra de Sócrates. Todavia, apesar dos participantes da *Ação Paralela* formularem muitas propostas, estas, muito vagas e muito grandiosas, como a criação de um Ano Austríaco da Paz, nunca se concretizam. Há uma terrível falta de praticidade e de objetividade. A figura do Conde Leinsdorf é modelar quanto a isso: assolado por confusas dúvidas, ele é incapaz de tomar grandes decisões. Como nos som-

brios romances de Franz Kafka, n' *O homem sem qualidades* os não-acontecimentos² e os fracassos abundam. Nele todas as ações que se planejam em conjunto naufragam em estéril palavrório. Nada se conclui. Talvez aqueles que tenham outros planos alcancem, ao menos momentaneamente, algum tipo de sucesso: o sistemático e reacionário Stumm von Bordwehr que deseja reestruturar o exército austro-húngaro; e, principalmente, o conde e intelectual alemão Arnheim, espécie de antagonico de Ulrich, que planeja comprar campos petrolíferos numa província oriental austríaca. Não à toa o primeiro ser um militar e o segundo, um capitalista. Mas do futuro de ambos nada se sabe. A parte disso, o romance também se desenrola digressivamente em outras vertentes: desde pequenas e miseráveis intrigas entre a camareira branca Raquel e o servo negro Solimões, passando pela difícil relação de um casal de amigos de Ulrich, a deslumbrada Clarisse e o frustrado Walter, com os quais trava instigantes conversações de ordem filosófica, até aquilo que talvez seja o principal contraponto à frágil realidade desses personagens, a descrição psicológica de um simples assassino de prostitutas, o gigante Christian Moosbrugger. A terceira e última parte do romance, publicada postumamente pela esposa de Musil, a artista plástica Marta Marcovaldi, em 1942, intitula-se *Rumo ao reino dos mil anos (Os criminosos)*. Tem como mote a dúbia relação de Ulrich com sua irmã, Ágata, apresentada no final da segunda parte, após a morte do pai de ambos. Há, doravante, capítulos e fragmentos póstumos, cuja ordem talvez seja sempre ignorada.

Apesar de assim poder ser resumida, a trama d' *O homem sem qualidades* não segue um planejamento fixo. Isso lhe confere uma estranha verossimilhança. O teor extremamente irônico e, por vezes, satírico que tão visivelmente caracteriza o romance, não impede o leitor de imaginar o relato como verídico. O foco narrativo também colabora para com essa incômoda sensação de realidade. Malgrado o empreendimento de um gigantesco registro social, Musil, ao evitar os dados factuais em prol de estruturas psicoló-

2 Idem, p. 27.

gicas, não realiza um típico romance histórico. Ele ilumina muito mais o desenvolvimento das personagens e muito menos a descrição de objetos, com rara exceção daqueles estritamente necessários para se refletir a subjetividade das próprias personagens. Em determinados momentos, tudo se passa como se no mundo retratado existissem apenas consciências que se atraem e se afastam, que se interagem uma com as outras ou se aprofundam em íntimos questionamentos. A sociedade na qual elas vivem torna-se, assim, pela proposital falta de elementos concretos, simultaneamente mais pálida e mais real, simultaneamente mais distante e próxima. Estilisticamente, não há descrições realistas ao modo de um Dickens ou naturalistas ao modo de um Zola, não há, tampouco, o *monólogo interior* de um James Joyce, procedimento este outrora esboçado no livro *União*, mas excluído da prosa “gramaticalmente correta”, todavia barroca e elíptica, d’*O homem sem qualidades*. Como Hugo von Hofmannsthal e Thomas Mann, Musil é um dos principais herdeiros do impressionismo literário. À semelhança de Marcel Proust, com quem por vezes foi comparado na capacidade de pintar grandes panoramas espirituais e de exprimir os labirintos da memória, prefere voltar-se muito mais ao movimento contínuo das percepções e dos pensamentos. Contudo, Musil, que também estudou filosofia e psicologia experimental, em muito com o objetivo de inserir o rigor da ciência na arte, faz algo que muitos escritores não ousariam fazer no receio de elucidar demais aquilo que escrevem: ele *teoriza*. O tipo de *teoria* que pratica não é, todavia, dogmático. Abre-se a infinitas reformulações. Sobre um tema, sobre qualquer tema, há sempre algo a mais a dizer e que não foi dito. Cada vez que algo parece chegar a uma conclusão, esta é como que negada. Musil — que dizia ser a *ambivalência* a sua maior virtude estilística — escreve seu *romance* como quem escreve um *ensaio*. Naturalmente, ao mesclar esses dois gêneros, o primeiro originalmente pertencente à literatura ficcional, com o segundo, originalmente pertencente à literatura filosófica, ele não *explica* os sutis desdobramentos de sua narrativa ou os motivos de suas personagens. Sua intenção é abrir fissuras; é arriscar idéias, mesmo que estas não venham a ter continuidade. Com isso, o extenso retrato da cultura

austriaca (ou européia) através de um ignóbil jogo de relações humanas, cede lugar a uma explícita e exaustiva crítica à modernidade.

2.

Para que essa gigantesca empresa se realize, Musil considera como ponto de partida o impacto do desenvolvimento da ciência e da técnica sob a frágil vida psíquica e social, na racionalizada sociedade capitalista. Fragmentação e isolamento do indivíduo e falta de comunicação real entre eles são os resultados mais dolorosos. "Uma águia batera poucas vezes as asas para ir de um telhado a outro;" constata friamente, "mas para a alma moderna (...), que atravessa brincando oceanos e continentes, nada é tão impossível quanto encontrar a ligação com as almas que moram na outra esquina." (MUSIL, 1989, p. 160.) Destarte, em *O homem sem qualidades* predomina a visão da modernidade como um período de brusca transição, como um período de crise. Esta não se refere tanto à falência da política e da diplomacia e à gigantesca catástrofe bélica, mas principalmente à tensão entre duas formas de se compreender e de se viver o mundo, entre duas "mentalidades": a mais nova poderia ser aqui denominada de científica e técnica; a mais antiga, de religiosa e metafísica. Ambas são postas como antagonicas; ambas, como escreve cinicamente Musil,

não apenas combatem uma a outra, mas habitualmente, o que é pior, ficam lado a lado sem trocar palavra, a não ser para se assegurarem de que ambas são desejáveis, mas cada uma em seu espaço. Uma contenta-se em ser exata, e prende-se aos fatos; a outra não se contenta com isso, mas contempla sempre o todo, e deduz seus conhecimentos das chamadas grandes verdades eternas. Uma obtém êxito, a outra abrangência e dignidade. É claro

que um pessimista poderia dizer que os resultados de uma não valem nada, e os da outra são verdadeiros. Pois o que se fará no Dia do Juízo, quando forem pesadas as obras humanas, com três tratados sobre ácido fórmico ou mesmo com trinta volumes? De outro lado, o que sabemos do Dia do Juízo, se nem sabemos o que até lá pode acontecer com o ácido fórmico? (MUSIL, 1989, p. 179-180.)

A *coexistência* dessas duas *mentalidades* no mundo moderno é algo que, *a princípio*, Ulrich compreende — não de um modo angustioso e descontrolado, mas com resignada calma— como uma espécie de contradição e anacronismo. “Anos a fio ele amara o ascetismo espiritual.”, escreve Musil a respeito do desenvolvimento de seu protagonista. “Odiava pessoas que não seguem a expressão de Nietzsche: “passar fome na alma, por amor à verdade”; os que recuam, fracassam, os moles que se consolam com doces palavras sobre a alma, e a alimentam com sentimentos religiosos, filosóficos e poéticos que são como pãezinhos desmanchados no leite, por recearem que a razão lhes dê pedras em vez de pão.” (MUSIL, 1989, p. 35.) Muitas das crenças religiosas e metafísicas, a que ele facilmente qualificaria de quimeras, de contra-sensos, desapareceram diante das evidências que o pensamento racional e empírico apresenta; mas outras tantas, continuam ou adaptam-se, como se os homens não pudessem viver isentos de fantasias e de esperanças. Os motivos dessa permanência repousam no próprio caráter da *ciência* moderna. Esta é teoricamente neutra; ao contrário da *religião* e malgrado qualquer pretensão de cientificismo, não é capaz de substituir com eficiência o deus que somente *em parte* ajudou a depor. O mistério de um homem que morre na cruz, em sacrifício pela humanidade, ainda é, para a grande maioria das pessoas mais reconfortante, do que a invenção de uma vacina. Não se propondo a pensar o valor das coisas, a dizer se um determinado fenômeno é belo ou feio, justo ou injusto, a ciência revela-se um ídolo vazio. Ela deixa de responder a questões existenciais do tipo

“O que devo fazer?”, para se ater, no máximo, a responder questões pragmáticas do tipo “Como fazer?”. Nenhum sentido da vida será, portanto, nela encontrada: apesar dela poder fornecer inúmeros dados para que se especule ou invente tal sentido. Conseqüentemente, o dito *desencantamento do mundo* a que ajudou a promover, por mais operante que seja em esferas sociais laicas, não é total e talvez nunca o seja. A ciência é tão-somente e muito uma forma a mais de compreender e de representar o mundo, suficientemente objetiva para fornecer ao homem o poder de desenvolver novas técnicas e novos poderes. Ao conscientizar-se desse estatuto, Ulrich, em certo sentido um positivista, também questiona o pensamento estritamente positivista, este que amiúde diviniza a própria ciência em detrimento de um saber e de um viver passados; questiona a própria modernidade na sua cega e destrutiva idolatria pelo novo. “O erro”, diz, em um de seus inúmeros diálogos, “é que o progresso sempre quer eliminar o sentido do antigo.” (MUSIL, 1989, p. 346.) Fiel à sua idiossincrasia racional e empírica, ele *concilia* as duas *mentalidades* na qual a modernidade insistentemente se fraciona, desde que haja uma correta postura: Almeja transpor para a vida espiritual, para a sua vida espiritual, o modelo de precisão e de evolução constante que a *ciência e a técnica* lhe oferecem: e isso o leva a um radical *relativismo moral*. Em contrapartida, sem cair na descrença total, não descarta as *possibilidades* que anunciam a *religião e a metafísica*, mesmo que estas sejam aparentemente absurdas; todavia, seu método não se reduz à mera especulação conceitual, deve também abraçar a *experiência meditativa*: e isso o leva a um raro *misticismo* de natureza intelectual.

3.

O romance *Der Mann ohne Eigenschaften* costuma ser traduzido por *O homem sem qualidades*; entretanto, como a palavra *Eigenschaft* agrega outras sutis significações, ele também poderia ser traduzido por *O homem sem quali-*

dades definidas ou por *O homem indefinido*. Com tal título, Musil evoca uma dupla posição: uma, genérica, contrária à cruel ideologia pragmática do self-made-man norte-americano, que incita à selvagem competição; a outra, específica, a favor do teor de indeterminação que caracteriza a introspectiva existência de seu protagonista. Apesar de possuir, em potência, todas as qualidades para se tornar um homem de qualidades, em ato, Ulrich não o faz e não parece querer fazê-lo. Ele resiste à alienação que, não raro, deriva de uma excessiva divisão social do trabalho e de uma excessiva especialização do saber; nega-se a comprar uma das inúmeras e ilusórias receitas de felicidade vendida por seus contemporâneos. Não deseja casar-se e constituir família, mas poderia muito bem conquistar uma bela mulher e com ela ter belos filhos; não deseja fazer fortuna, mas poderia, devido à sua rara inteligência e às oportunidades que lhe são apresentadas, enriquecer-se, deixar de trabalhar e desfrutar do cobiçado luxo que a riqueza proporciona; não deseja tornar-se célebre, mas poderia muito bem executar fabulosas obras literárias ou filosóficas que despertassem a admiração e a inveja; não deseja ser qualquer coisa e, talvez justamente por isso, pode ser tudo. Para desgosto de seu pai, um velho juiz, um homem com qualidades, que, na sua ingenuidade de legalista, o impulsiona ao trato e ao comércio com a alta sociedade, ele não possui nenhum desses desejos engendrados e intensamente operantes na moderna sociedade burguesa, mesmo que se mantenha, socialmente, um burguês. Num mundo permeado de oportunismo e de hipocrisia, ele é, paradoxalmente, o único a manter-se íntegro, por mais que não acredite em nada do que faz. Discreto e reservado, ele participa da vida em sociedade e participa mesmo sabendo —ou intuindo saber— que tudo é extremamente patético e inútil. Os motivos que o levam a assim proceder não se relacionam a uma cômoda resignação diante das opressivas forças exteriores, mas a um consciente experimento. Como nada o prende a nada, o engajamento é para ele um pretexto, um pretexto para explorar a sua própria natureza; segundo suas próprias palavras, esta é "(...) uma máquina que desvaloriza constantemente a vida!" (MUSIL, 1989, p. 633.) Cumpre a Ulrich

despersonalizar-se, desumanizar-se, tornar-se, em cada fecundo momento, um *outro*; daí ele projetar viver em contemplação das suas próprias ações e das ações alheias, “viver como se lê”³: viver uma “vida por hipótese”, para usar o conceito de sua juventude, uma vida de “ensaio”, para usar o conceito de sua maturidade:

A vontade de sua própria natureza, de se desenvolver, proíbe-o de crer no acabado; mas tudo o que enfrenta parece ser acabado. Ele pressente: essa ordem não é tão sólida quanto fingir ser; nenhuma coisa, nenhum eu, nenhuma forma, nenhum princípio é certo, tudo se encontra numa transformação invisível e incessante, no instável há mais futuro do que no estável, e o presente não é senão uma hipótese que ainda não superamos. O que ele poderia fazer de melhor senão manter-se livre desse mundo, naquele bom sentido com que um pesquisador se mantém livre diante dos fatos que o querem seduzir e fazer acreditar neles precipitadamente?! Por isso, hesita em fazer algo consigo mesmo: um caráter, uma profissão, uma maneira sólida de ser, são conceitos em que já aparece a caveira que por fim sobrar de sua pessoa. Ele procura compreender-se de outra forma; com inclinação para tudo que o multiplique interiormente, ainda que moral ou intelectualmente proibido, sente-se como um passo livre em todas as direções, mas que leva de um equilíbrio a outro equilíbrio, seguindo sempre em frente. E se alguma vez pensa ter a idéia certa, percebe que uma gota de indizível fogo caiu no mundo, e sua luz faz tudo parecer diferente./ (...) isso se transformou em Ulrich numa idéia que já não ligou à incer-

3 Idem, p. 401.

ta hipótese, mas, por determinadas razões, ao conceito singular de ensaio. Mais ou menos como um ensaio examina um assunto de muitos lados em seus variados capítulos, sem o analisar inteiro (...), ele acreditava ver e tratar corretamente o mundo e a própria vida. O valor de um ato ou de uma qualidade, sim, até sua natureza e essência, lhe pareciam dependentes das circunstâncias que os rodeiam, dos objetivos a que servem, em suma, do todo constituído ora assim ora assado, ao qual pertencem. De resto, isso é apenas a simples descrição do fato que um assassinato nos pode parecer crime ou ato heróico, e a hora de amor a pluma caída da asa de um anjo ou de um ganso. (...) Desta forma, todos os acontecimentos de ordem moral ocorriam num campo de força cuja constelação lhes conferia sentido, e continham o bem e o mal como um átomo contém possibilidades de combinações químicas. (...) todos os fatos morais lhe pareciam, em seu significado, funções dependentes de outras. Assim, surgia um infinito sistema de relações em que não havia mais quaisquer significados independentes como a vida comum os atribui, numa primeira aproximação grosseira, aos atos e qualidades; o que parecia ser sólido tornava-se pretexto permeável para muitos outros significados, o que acontecia tornava-se símbolo de algo que talvez nem acontecesse, mas que era sentido; e o ser humano enquanto resumo de suas possibilidades, o ser potencial, o poema não escrito de sua existência, opunha-se ao ser humano como texto, realidade e caráter./ No fundo, nessa concepção Ulrich sentia-se capaz de qualquer virtude ou maldade (...). (MUSIL, 1989, p. 180-181.)

Indissociável da concepção de que tudo é transitório, de que a única certeza é não haver certeza alguma, esse

relativismo moral aí deflagrado faz com que qualquer código a reger os pensamentos e as ações humanas deixe de ser posto como necessário e passa a ser posto como contingente. Porque não há ato humano que seja, intrinsecamente, correto ou incorreto; porque bom ou mal são categorias ou valores subjetivos, relativos à cultura e às crenças, às experiências e aos sonhos daqueles que assim julgam; porque a moral é uma regra de conduta e uma estrutura psíquica historicamente constituída, um jogo de convenções, não uma lei natural, absoluta, válida a todos, em todos os lugares e em todas as épocas. Dependendo dos critérios que se adotem, dependendo das circunstâncias, tudo é condenável e tudo é aceitável. A partir dessa terrível lucidez, Ulrich constrói, para si, uma espécie de ética além da ética que o leva a agir de acordo com aquela notável máxima de Ivan Karamazov segundo a qual "tudo é permitido"⁴. Daí ele conceber a idéia de cometer algo que, perante os seus, seria quase invariavelmente qualificado de crime. Todavia, este não deverá ser guiado pelas intransigentes regras da moral dominante, pela esperança gerada na promessa de recompensa e ou pelo medo gerado na promessa de punição, mas pelo mais genuíno *desinteresse*. Pois "a diferença entre bem e mal perde toda a importância diante da satisfação por uma ação pura, profunda e original, que pode brotar como uma centelha tanto de fatos permitidos como proibidos." (MUSIL, 1989, p. 585-586.) Compreendendo a violação como um modo de purificação espiritual, Musil intenta, assim, tornar seu protagonista, seu alter-ego, uma espécie de ser perfeito: perfeito na medida em que se mantém imune ao remorso, à culpa. Os títulos provisórios que, em seu *Diário*, ele dá ao seu romance evocam, mais explicitamente, essa polêmica visão: de um lado, lê-se *O anticristo*, *O Diabo*, *O Espião*; de outro, *O libertador*, *O redentor*.⁵ Não à toa que o solitário e excêntrico Ulrich poderia ser consi-

4 Cf. Chardin, 1998, p. 73-92.

5 Cf. Musil, 1981, p. 477.

derado, em *certos* aspectos, a encarnação literária do "ideal" de *super-homem* de Nietzsche. Apesar da índole analítica, Musil sofreu, confessadamente, enorme influência do filósofo que ousava dizer que a razão é servil a um princípio não racional. O ambíguo *amoralismo* do homem sem qualidades não deixa de ser, portanto, um constante e duro questionamento da hierarquia de valores que a cultura judaico-cristã lega, mesmo que sub-repticiamente, ao indivíduo moderno. É uma forma de livrar-se do peso dessa tradição, de purgar-se, de deixar de pensar o cosmos como um irrestrito equilíbrio entre deveres e direitos. Contudo, devido à morte de Musil e à aporia do seu próprio pensamento, as problemáticas e ideadas ações criminosas de Ulrich permanecem como um secreto projeto, alimentadas apenas na ilimitada fantasia. Insinua-se apenas o incesto com sua irmã Agatha e a libertação do assassino de prostitutas Moosburger; insinua-se apenas a fraude, o roubo e o assassinato. Tudo fica em suspensão. Insipientes tentativas de ultrapassar, definitivamente, a cinzenta fronteira que separa o mundo supostamente seguro da obediência, do mundo supostamente inseguro da desobediência às convenções morais. Talvez não seja caso de cometer *tais ações*, mas tão-somente de sentir-se capaz de cometê-las; talvez seja a mera *possibilidade* de *tais ações* que permitem ao homem sem qualidades vislumbrar a *possibilidade* mesma de deixar de estar sob o julgo de qualquer lei. A liberdade residiria no poder de fazer: não necessariamente no ato de fazer.

O ousado intento de Musil em alçar seu herói (ou anti-herói) para além de qualquer responsabilidade, para além do bem e do mal como o quer Nietzsche, corresponde a uma concepção literária que não posiciona a estética e a ética em territórios distintos: tendo esse duplo caráter de ser crítica do mundo e de si mesma, a literatura proposta e executada não se reduz à mera representação das formas de vida vigentes, de suas contradições e de seus limites; ela deve apresentar outras que as ponham em perspectiva, que as perturbem. Sua tarefa é ser transgressora, questionar a validade das crenças que predominam no fácil plano do senso-comum, que, de tão cristalizadas, costumam ser inquestionavelmente aceitas. " — Todo gran-

de livro”, diz Ulrich, no que parece ser uma sutil e romântica referência ao caráter do próprio romance que narra a sua aventura,

tem esse espírito, que prefere destinos individuais porque não se adaptam às formas que a sociedade pretende lhes impor. Isso leva a decisões impraticáveis, e acaba-se apenas produzindo as vidas dessas pessoas. Retire das obras literárias o seu sentido, e terá, com exemplos isolados, uma negação, não completa mas evidente e interminável, de todas as regras, princípios e preceitos que fundamentam a sociedade amante dessa literatura! Um poema, com seu mistério, corta ao meio o sentido da vida, preso a mil palavras triviais, e transforma-o num balão que foge voando. Se, como é costume, chamarmos isso de beleza, a beleza seria uma mudança indizivelmente mais cruel e implacável do que qualquer revolução política! (MUSIL, 1989, p. 263-264.)

Quanto a essa visão de inclinações utópicas, Musil a persegue com uma auto-exigência extrema; em seu *Diário*, ele anota esta consagrada frase: “Eu julgo ser mais importante escrever um livro do que governar um império.” (MUSIL, 1981, p. 496.)

4.

Na escrituração do que, hoje, constitui os últimos capítulos de seu romance, Musil distancia-se cada vez mais da trama e adentra um mundo de labirínticas e abstratas reflexões de teor religioso. As improdutivas reuniões da *Ação Paralela* parecem estar distantes e a Guerra (o leitor sabe) se aproxima silenciosamente sem que haja referências di-

retas a ela. Como que apartado daquilo que aconteceu e daquilo que acontecerá, Ulrich escreve: outrora, maliciosamente questionado por Arnheim, ele havia dito que não se dedicava à literatura; mas sua resposta era apenas retórica e jogo. Curiosa e surpresa, Ágatha encontra o seu diário —espécie de fragmentária coleção de apontamentos filosóficos— e, em segredo, o lê; a atmosfera é de erotismo dissipado. Ela descobre que seu irmão, sempre tão reservado, exercita-se nesta inverificável atividade esquecida ou repudiada pelo homem moderno, supostamente descrente para com qualquer experiência inverificável à realidade dos sentidos: a mística. Naturalmente, esta adquire, em Ulrich, as características de uma análise crítica. Permeada de dúvidas e de questionamentos, compõe-se daquilo que, numa perspectiva puramente positiva e dogmática, a aniquilária: de ceticismo e de psicologia, de um incessante escrutínio dos sentimentos humanos. Não desprezando, não podendo desprezar o advento da ciência e da técnica, essa mística reflexiva, essa “mística lúcida”⁶ é atualizada pelo espírito da exatidão. Outrora, seriam as imagens e as alegorias as formas usadas para se expressá-la; agora, são os conceitos. A representação do concreto dá lugar à representação do abstrato. A comunicação direta, a percepção ou a união, sem mediações, sem a intervenção de instituições e de autoridades, com Deus —ou com qualquer outra designação que se possa dar à idéia de uma realidade última— pode ser atingida, mesmo num mundo de épicas dificuldades cotidianas, permeado de exterioridades e de dispersões. Contudo, já não pode haver mais o sacrifício do intelecto. Essa dura exigência, herança de uma teologia autoritária, só pode ser encarada com justificada desconfiança. Um homem educado na impassível lógica matemática simplesmente a desobedece. “Ágata mostrou-me certa vez passagens da Bíblia;”, escreve Ulrich em seu diário,

6 Idem, 1989, p. 778.

ainda me lembro de seu teor e resolvi anotá-lo: 'Tudo o que se passa no amor se passa em Deus. Pois Deus é amor.' E uma segunda dizia: 'O amor é de Deus, e quem ama a Deus foi gerado por ele.' Há uma patente contradição entre as duas passagens: de uma feita, o amor vem de Deus; de outra, ele é o próprio Deus! / As tentativas de expressar a relação do 'amor' com o mundo parecem, portanto, causar não poucas dificuldades até mesmo aos iluminados; como seria possível que a inteligência desinformada não viesse a fracassar! Que eu o tenha chamado de essência do mundo foi uma mera escapatória; permite que diga de pleno direito que a pena e o tinteiro que uso para escrever se compõem de amor, ou que se comporiam dele na realidade. Mas como na realidade? Constituiriam então em amor ou seriam sua consequência, aparência configurante ou insinuação? Serão eles mesmos, já em si, amor, ou falamos da realidade de uma supernatureza? (...) É uma verdade para a inteligência aguçada, ou uma para a inteligência abençoada? É a verdade do pensamento, ou a relação simbólica incompleta, que só desvendará completamente seus significados na universalidade das ocorrências do espírito sintetizadas em Deus? (...)."/ "Teria da mesma forma podido dizer que o amor é a razão divina, o *logos* neoplatônico. E, da mesma maneira, outra coisa: que o amor é o colo do mundo; o meigo como do acontecimento que não compreende a si mesmo. E mais uma variação: ó mar do amor, que apenas quem se afoga conhece, e não quem passa por cima! Todas essas exclamações indicativas obtêm sentido apenas porque nenhuma delas cumpre a palavra. / O sentimento mais sincero: como é ínfima a Terra no espaço celeste, e como o ser humano, mais nulo que a menor criança, precisa de amor! Mas isso nada mais é que o puro

grito por ele, sem sombra de resposta!”/ “Talvez eu possa, porém, falar da seguinte maneira, sem cair no vazio do exagero: há um estado no mundo em que estamos impedidos de ver, mas que as coisas por vezes deixam entrever aqui e ali, quando nós mesmo nos encontramos num estado de exaltação especial. E só nele percebemos que as coisas são ‘feitas de amor’. E só nele entendemos também o que isso significa. E só ele é então real, e nós seríamos então verdadeiros./ Nessa descrição eu não precisaria dizer mais nada. (MUSIL, 1989, p. 802-803.)

Através de uma interpretação ao mesmo tempo mais literal e mais radical das Escrituras, Ulrich dá ou atualiza um outro significado ao abrangente conceito de amor: compreende-o não apenas como um sentimento entre outros tantos sentimentos, como um intenso afeto que ora traz felicidade ora traz sofrimento; compreende-o —e talvez justamente por ter, originalmente, essa capital importância nas relações humanas— como o próprio fundamento da realidade. As suas reflexões se aproximam, assim, de um panteísmo, ou, mais especificamente, de um imanentismo a identificar, literalmente, Mundo, Deus e Amor. Os filósofos, pergunta-se Ulrich, “imaginam Deus como filósofo, como o espírito puro; não seria natural, então, que os oficiais o imaginassem como oficial? Mas eu, matemático, imagino o Onipresente como amor?!” (MUSIL, 1989, p. 803.) Ao leitor que chegou até essas palavras, ao leitor que chegou até ao fim provisório do romance provisório de Musil evidencia-se, enfim, que no espírito do homem sem qualidades, assim como quicá no espírito de todo homem, habitam tendências supostamente antagônicas: num momento, ele reflete sobre sua disposição à violência; em outro, sobre sua disposição ao amor. A oscilação entre esses “dois estados fundamentais”⁷ talvez se justifique e não constitua contradição irreconciliável: aceitar o primeiro seria um modo de realizar o segundo. Somente assim, herético, desapegado das opiniões alhei-

as, desapegado das próprias opiniões, ele, Ulrich, o cético, o relativista, poderia presenciar a realidade por trás da realidade, a realidade que se abre àqueles que, na árdua disciplina da autoconsciência, abandonaram qualquer qualidade, a prepotente crença de se considerarem virtuosos e bons.

REFERÊNCIAS

CHARDIN, Philippe. **Musil et la littérature européenne**. Paris: PUF - Preses Universitaires de France, Collection Littérature européenne, 1998.

MUSIL, Robert. **Der Mann ohne Eigenschaften**. Hamburg: Rowohlt, 1979.

_____. **O homem sem qualidades**. Tradução Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. **Journaux, I - II**. Tradução Philippe Jaccotte. Paris: Seuil, 1981.

_____. **O jovem Törless**. Tradução Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **Da estupidez**. Tradução Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água, 1994.

7 Idem, p. 803.

O autor é doutorando em filosofia pela Universidade de São Paulo.